

O Torso

Ricardo Mendes da Fonseca

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Ricardo Mendes da Fonseca

TÍTULO: O Torso

AUTOR: **Ricardo Mendes da Fonseca**

CAPA, REVISÃO E PAGINAÇÃO: Paulo Silva Resende

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publidisa

ISBN: 978-989-20-2173-7

DEPÓSITO LEGAL: 317814/10

© RICARDO MENDES DA FONSECA

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C – 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Ainda mergulhado no torpor matinal, de persianas corridas e pensamentos trancados, ouço ao fundo do corredor o som dos meus pesadelos. Os passos afiados, como uma estocada de um qualquer toureiro espanhol, libertavam no ar toda a fealdade gelada da sua alma e tinham em mim efeitos diversos, bastante distantes da placidez do torpor em que me encontrava. Um alívio desceu dos céus e aterrou delicadamente sobre a minha espinha enquanto o meu coração se deixava de golfadas tibuteantes e esquizofrénicas, ao mesmo tempo que a minha percepção me informava que a porta do meu quarto permanecia inviolada.

1

Os seus cabelos tocavam-me os cotos reluzentes e a água e o sabão com que me lavava eram a imagem perfeita do prazer e da aversão que sentia naquele instante. Enquanto ela torcia a cara de horror, reprovando o meu constante pico libidinoso, eu olhava com tristeza para o balouçar das cortinas castanhas ao sabor das correntes de ar enquanto que os folículos de pó de ouro desapareciam das suas encarnadas estampas. Sustive a respiração e suprimi as lágrimas dos meus olhos diamantados. Cada ponta do seu cabelo tocava metodicamente a fragilidade, como os dedos de uma pianista delicada afagando as teclas do seu precioso instrumento. Mas a melodia acaba com um grunhido cortante, que mesmo assim não desvia a minha mágoa da janela. A água e o sabão amaciam agora as carunchosas tábuas do soalho. E a velha abstinência faz questão que a sua revolta fique a ecoar por todo o meu quarto, ferindo as minhas têmeoras com um bater de porta.

Enquanto espero que a minha libido toque a desejada

brandura do algodão, pensamentos tresloucados inundam-me por dentro e os meus dentes cerram-se pelas mais diversas razões. Mas a impotência que habitualmente orbita e acaricia o corpo desmantelado instala-se bem fundo na minha mente e arrasta-me com ela até sentir as costas bater em rocha frívola e os meus olhos a cederem perante a força da escuridão com uma parede de pedra à minha volta irradiando um frio siberiano e alguém que os meus olhos não alcançam a atirar impropérios e fruta podre e frangos depenados, decapitados e inúteis sob os quais acabo subterrado.

O sol desapareceu da minha janela e, pela luz violeta-alaranjada que ainda invade o meu quarto, sei com segurança que tardam uns instantes até que o depósito de breu tome conta das texturas.

Não quis jantar e agora a fome anda solta em mim, contorcendo-me as entranhas de carvão que pelos orifícios se purgam das colunas de dor fumarenta e conspurcada. Nada mais me resta senão dormir e, tomando a liberdade pela mão, trouxe-a comigo até ao beco da rebeldia por onde arrastei o meu pesado corpo até este ficar virado, cabeça no lugar oposto à cabeceira da cama e com os cotos a contemplá-la cegamente. Assim, com a cara espalmada pelo lençol encardido, absorvo os últimos raios de sol, enquanto a miserabilidade me arrasta para além do sonho, até ao pesadelo da madrugada, que este ou aquele galo altivo faz questão de anunciar.

As minhas vontades de nada servem se não as posso pôr em prática. Por muita raiva, por muitos pingos de saliva e uivos de dor, ou diferentes e manhosas estratégias desesperadas pautadas por olhares melosos e carentes de piedade, indiferente a tudo isso, a porta da minha jaula, que encerra a sete chaves a minha essência animal, continua fechada. Deus vos livre caso abra, deus me livre se permanece fechada.

É de manhã e a minha tristeza crónica torna-se mais mórbida e afunda-se no meu peito ao sabor dos risos e gritinhos das crianças. Um pano azul cobre o meu quarto e a minha cara beija de novo o lençol encardido.

2

Os risos enchiam o corredor e esvaziavam a minha esperança à medida que se tornavam mais próximos. Quando a velha porta do meu quarto se escancarou já nenhuma me restava.

- Olha o tio. Tio... tio.

- Xiu, sabes que o tio é doente.

A do meio foi-me dar um beijo. As lágrimas tombaram da minha face simetricamente como que previamente preparadas para a queda, ali na expectativa... Sempre que possível a minha mãe mantinha-me nu, destapado. Já sabia o que se iria passar. Aquela fita não me era mostrada pela primeira vez. Primeiro, os rostos mutantes assumiam formas grotescas, expressões calculadamente exageradas cuspiam-me palavras de reprovação. Insultavam o animal. Mas o animal permanecia calmo olhando para o tecto, deixando que um vendaval de pensamentos, fossem eles quais fossem, lhe confundissem a mente, deixando-a difusa,

assumindo um estado catatónico e esperando que o tempo os varresse do meu quarto. Uma estalada. Um forte puxão de pescoço. O olhar confuso das crianças e, finalmente, as costas. O ar criado pelo bater da porta que passava como um louco pela extremidade, que com orgulho se mostrava nos seus tons rosados, que sempre me envergonhava. Que sempre me fizera debruçar sobre o abismo da esperança demente.

Certa noite, no meio do reboiço carnal dos meus pensamentos que, como em todas as noites, turvam o meu sono com grãos de sal luzidio sobre pele em tempestade ou mo privam por completo, no desafogo me enroscava naqueles lençóis encardidos como em lume de mulher, envolto em chiadeira, à beira, mesmo quase e pela primeira vez, de afugentar, por uma noite que fosse, o tormento, o vácuo da libido. Eis que a minha mãe, abrindo a porta indignada com o ruído das molas do meu colchão, rasgando o silêncio com guinchos de loucura, despe o seu vestido de noite azul, aquele aroma temperado a meia-higiene apoderou-se do meu quarto e de mim. O vestido de noite com toque de seda, atirado para cima das minhas vergonhas.

-Vê se te acalmas.

Este guincho em particular soube-me como mel. Deitou-se a meu lado. A sua carne tocou a minha. Os seus pêlos acariciavam os meus membros incompletos. E na escuridão senti com alegria florescer no seu vestido azul uma pequena mancha mais escura.

A minha primeira vez.

Acordo por entre sons de barafunda. Comida atirada para o chão do meu quarto, sopa a ferver, empolando as tábuas do soalho. Atiro-me da cama abaixo na tentativa de sorver alguma que ainda reste e abocanhar algum arroz da malga.

O sol, como uma sumarenta nectarina, aspergia sumo em todas as direcções e aquecia o meu rosto pálido.

A porta abre-se num repente e atinge-me com violência. No meio de uma berraria infernal, de gestos largos e rápidos e muita saliva cuspida na minha direcção, lá consegui entender, ainda completamente aturdido, que a minha avó teria perecido. Que chata e inconveniente que a morte sempre era. Haveria funeral e estas peles brancas e macilentas iriam ter um glorioso dia. Três vivas para a hipocrisia social.

